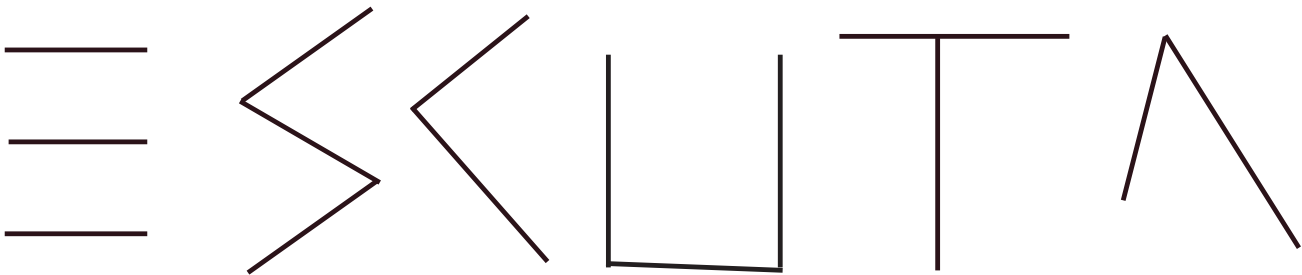


SÁB
09 / 08
15h

Desapê
Travessa Dona Paula
Casa 7, Consolação-SP



John Melo
Rodrigo Faustini
Francisco Alvarez Ríos
Martin Baus
Lucia Malandro
Ivonne Sheen Mogollón
Javier Plano
Pablo Mazzolo
Rosana Cacciatore
Ж

suos

CONSIDER
2024, 3 min, silencioso, 16mm

Film Design: Ж ; Co-produção: Ж & Distruktur;
Créditos: Melissa Dullius; Laboratório: Distruktur (feito à
mão) Transfer 16mm p/ HD: Labirinto Lab;
Encomenda: Darat al Funun

Desde 8 de outubro de 2023 — um dia após o ataque liderado pelo Hamas contra Israel em 7 de outubro — começo um registro solene e meditativo. Como forma de reflexão formal, iniciei a contagem das vítimas do genocídio que acontece em Gaza. Para cada vida perdida, uma perfuração foi feita na tira de filme de 16mm — um furo para cada morte. A maioria dos mortos são civis; crianças e mulheres. Essa verdade essencial — e qualquer tentativa de representação — se perdeu no processo de “documentação”.

O resultado visual desse registro se assemelha a um nascimento interminável de supernovas, uma constelação em movimento.
O filme foi intitulado *consider*.

Na antiguidade, o ato de considerar significava “estar com as estrelas”, um pré-requisito para qualquer contemplação mais séria, rigorosa.
Mas, aqui, considerar também serve como uma confissão: a incapacidade do próprio registro — especialmente deste em particular — de contar, de capturar a magnitude da perda. É uma tentativa final, talvez vã, de imaginar que uma catástrofe possa algum dia ser contida dentro de uma única estrofe.

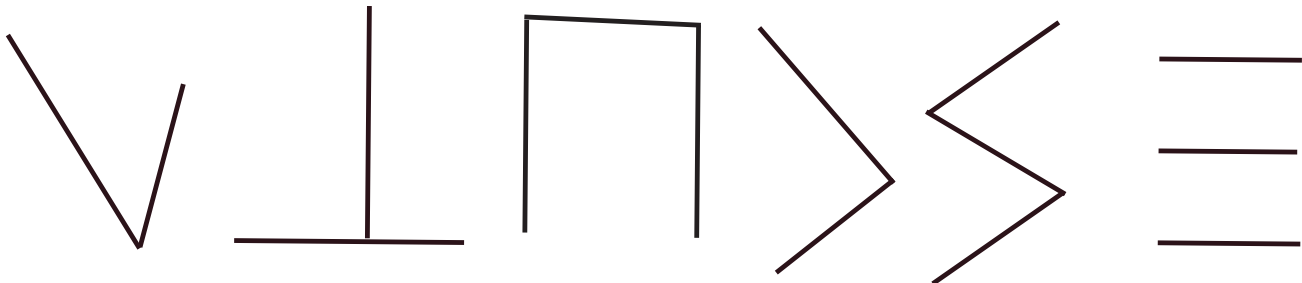
*bombas como fogos de artifício,
artifício da guerra televisionada
num céu preto e macio,
furos de luz no veludo do filme*

*para qualquer reflexão séria, o sideral
consider
aos caídos de Gaza, as estrelas.*

Trecho do texto na contracapa da fita
por Tetsuya Maruyama

A expressão “cinema para ser ouvido” soa quase como um clichê, como se implicasse que o cinema não fosse, por natureza, algo a ser escutado.
E quanto a “música para ser vista”? Isso também soa estranho, como se a música não pudesse ser visualizada.
Da mesma forma, termos como “cinema mudo” ou “música invisível” não soam tão bem. O cinema sempre foi algo a ser ouvido, mesmo na era do cinema mudo.
O rangido das cadeiras, o zumbido do projetor durante toda a exibição, o som da chuva e do vento batendo em cinemas improvisados, e as vozes do público reagindo ou conversando entre si — tudo isso fazia parte da experiência cinematográfica.
Então, o que seria um “filme sem som”? Talvez seja algo semelhante a “música sem visão”;
David Tudor comentou uma vez, em uma conferência: “A música que eu crio não é experimental. Não é um experimento porque eu sei tudo sobre ela antes de fazê-la.”
Os artistas desta coletânea estão realizando “experimentos”? Se esses experimentos são bem-sucedidos ou não, já é outra questão. Mas o ato de ouvir o filme é, sem dúvida, algo experimental. Torna-se algo que poderia ser chamado de “cinema ouvido”, em vez de “música escutada”.
Nessa toada, esta coletânea recebe o título de Cinema Ouvido.

CINEMA OUVIDO
Música Experimental por cineastas
da América Latina
Fita K-7, 60 minutos
Release: ato.archives (Tóquio, Japão)
ata014



Desapê
Travessa Dona Paula
Casa 7, Consolação-SP

SÁB
09 / 08
15h